

Da liberdade à culpa: de Erich Fromm a Paul Ricoeur

From Freedom to Guilt: from Erich Fromm to Paul Ricoeur

Sandro Santos da Rosa

Doutorando em Teologia na Faculdades EST,
em São Leopoldo, RS, com o apoio da CAPES
Mestre em Teologia – Bacharel em Musicoterapia

Andréia Nicaretta

Bacharelanda em Teologia na Faculdades EST, São Leopoldo, RS
e Licencianda em Filosofia, na UNISINOS, São Leopoldo, RS,
na qual é bolsista do CNPq de Iniciação Científica

Resumo

Erich Fromm, eminente pensador moderno, investigou em sua obra *O medo à liberdade*, os “caros preços pagos” pelo ser humano por ele querer ser livre. Dialeticamente, o autor dividiu a vontade humana de ser livre em “liberdade para” e “liberdade de”. Fromm utiliza o mito bíblico, referente à expulsão do ser humano do paraíso, para alegoricamente representar e identificar a origem da história humana e sua relação com o ato de escolher, ressaltando a natureza pecaminosa deste primeiro ato de liberdade, sofrimento-culpa daí resultante. É na representação da liberdade e na consequente culpa decorrente da afronta humana a Deus, ambas oferecidas pelo mito bíblico, que se encontram Fromm e o filósofo Paul Ricoeur. O último, por intermédio da obra *Filosofia da vontade*, utiliza o mito referido como centro para entender a origem do mal e da culpa, buscando na linguagem, os símbolos que representam a culpa inerente ao ser humano. Conclui-se, preeminentemente, que a liberdade que leva o ser humano a “algum lugar”, necessariamente provém da saída de “outro lugar”. Para que possamos “vir a ser” sujeitos livres, temos, necessariamente, de sair do lugar mais aconchegante do universo: o ventre materno. Não obstante, em níveis distintos, o ser humano carrega a “culpa” de um dia, assediado pela liberdade, ter sido seduzido por ela, de maneira que, por aceitá-la, carrega sempre consigo a sensação de que algo poderia ter sido diferente e, outrossim, de que algo ficou para trás. Ademais, olhar para trás não é tão óbvio quanto olhar para frente.

Palavras-chave

Liberdade. Culpa. Fromm. Ricoeur.

Abstract

Erich Fromm, the eminent modern thinker, investigated in his work *The fear of freedom*, the “expensive prices paid” by the human being to be free. Dialectically, the author divided the human will to be free from “freedom for” and “freedom from”. Fromm uses the biblical myth concerning the expulsion of humans from paradise to allegorically represent and identify the origin of human history and its relationship to the act of choosing, highlighting the sinful nature of this first act of freedom, grief, guilt resulting. It is the representation of freedom and the consequent guilt

caused by human affront to God, both offered by the Biblical myth, where Fromm and Paul Ricoeur meet each other. Ricoeur, through the work *Philosophy of the will*, uses the myth referred to central to understand the origin of evil and guilt, looking at language, symbols representing the guilt inherent in human beings. Preeminently, the study concludes that the freedom that leads the human being to “somewhere” necessarily comes from the output of “elsewhere”. In order to be free, we necessarily need to leave the coziest place in the universe: the womb. Nevertheless, at different levels, the human being carries the “guilt” of one day, harassed for freedom, to have been seduced by it, so that, by accepting it, he always carries the feeling that something might have been different and, moreover, that something was left behind. Moreover, looking back is not as obvious as looking forward.

Keywords

Freedom. Guilt. Fromm. Ricoeur.

Considerações Iniciais

O presente escrito delineará asserções acerca de dois eminentes pensadores modernos: Erich Fromm e Paul Ricoeur. Utilizar-se-á partes pontuais de *O medo à liberdade* (Fromm) e *Finitude e culpabilidade* (Ricoeur). Entre outras reflexões, as obras abordam o mito que se refere à queda do ser humano do paraíso. A alegoria aparece como representação da liberdade humana e dos consequentes efeitos colaterais resultantes, tais como o sofrimento e a culpa.

Erich Fromm, eminente pensador moderno, investigou em sua obra *O medo à liberdade*, os “caros preços pagos” pelo ser humano por ele querer ser livre. Dialeticamente, o autor dividiu a vontade humana de ser livre em “liberdade para” e “liberdade de”. No primeiro tópico verificar-se-á que Fromm utiliza o mito bíblico, referente à expulsão do ser humano do paraíso, para alegoricamente representar e identificar a origem da história humana e sua relação com o ato de escolher, ressaltando a natureza pecaminosa deste primeiro ato de liberdade, sofrimento-culpa daí resultante.

Paul Ricoeur será posto à discussão no tópico intermediário. Por intermédio da obra *Finitude e culpabilidade*, o filósofo utiliza o mito bíblico referido como centro para entender a origem do mal e da culpa, buscando na linguagem os símbolos que representam a culpabilidade inerente ao ser humano.

No terceiro e último tópico, bem como nas aproximações finais do artigo, evidenciar-se-á, por intermédio das reflexões acerca da representação da liberdade e da culpa decorrente da afronta humana a Deus – ambas oferecidas pelo mito bíblico – o encontro entre Fromm e o Ricoeur. Conclui-se, preeminentemente, que a liberdade que leva o ser humano a “algum lugar”, necessariamente provém da saída de “outro lugar”. Para que possamos “vir a ser” sujeitos livres, temos, necessariamente, de sair do lugar mais aconchegante do universo: o ventre materno. Não obstante, em níveis distintos, o ser

humano carrega a “culpa” de um dia ter sido seduzido pela liberdade, de maneira que, por aceitá-la, carrega sempre consigo a sensação de que algo poderia ter sido diferente e, outrossim, de que algo ficou para trás.

Da Liberdade...

A obra “*O medo à liberdade*” de Erich Fromm faz parte de um estudo amplo sobre a estrutura do caráter do ser humano moderno. O autor diz, no prefácio da obra, que tal estudo é uma reflexão incompleta cuja conclusão demandaria mais tempo, por causa dos eventos políticos da época e os riscos nestes implícitos. A época referida é o ano de 1941, ano da edição original de “*Medo à liberdade*”, em plena Segunda Guerra Mundial.¹

Fromm concentrou seus estudos num aspecto que para ele era decisivo para a crise cultural do seu tempo: o significado da liberdade para o ser humano moderno. Entrementes, o autor assinala não ser possível citar o estudo completo da estrutura do caráter humano, por outro lado, considera que o significado da liberdade só pode ser entendido partindo de uma análise total dessa estrutura, embora tenha que abdicar do desejo de esboçar uma contribuição completa.²

No primeiro capítulo da obra, Fromm expõe que “os princípios de liberalismo econômico, democracia política, autonomia religiosa e individualismo deram vazão aos anseios de liberdade e, ao mesmo tempo, a impressão de levar a humanidade para mais perto de sua realização”.³ O autor compreende que o ser humano “desbancara o domínio da natureza e tornou-se senhor dela; desbancara também o domínio da Igreja e do Estado absoluto”.⁴

Mas, é evidente na sociedade da era moderna, pós-moderna ou hipermoderna como sugere o filósofo francês Sébastien Charles,⁵ que determinados comportamentos parecem ter tomado proporções que fugiram ao controle do ser humano. Exemplos palpáveis disso são as duas Guerras Mundiais do século passado, nos quais os aspectos tecnológicos que deveriam servir à humanidade acabaram por colocá-la, talvez, em total descrédito consigo mesma. Afinal, esse ser que constrói máquinas para matar outro ser da mesma espécie e que manipula mecanismos de autodestrutividade da espécie é digno de algum crédito e de alguma confiabilidade? Não terá a humanidade caído em descrédito antropológico em relação à natureza e ao sentido da existência? E as primaveras árabes? E

¹ FROMM, Erich. *O medo à liberdade*. Traduzido por Octavio Alves Velho.. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. p. 09.

² FROMM, 1974, p. 09.

³ FROMM, 1974, p. 13.

⁴ FROMM, 1974, p. 14.

⁵ CHARLES, Sébastien. *As doenças da pós-modernidade*. Porto Alegre. Palestra concedida na 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, 14 nov. 2010. (Filósofo Francês, professor da Université de Sherbrooke, Québec, Canadá).

os assaltos virtuais? E as disputas pela hegemonia político-religiosa entre palestinos e israelenses? E o tráfico? E as favelas? E o aparente descaso com o meio ambiente? E a prostituição infantil? E as chacinas familiares e escolares? E isso? E aquilo?

Evidencia-se, a partir da leitura de “*O medo à liberdade*”, a ambiguidade da liberdade. O ser humano se vê confrontado, desde o princípio da sua existência, “com a necessidade de escolher entre diversas linhas de ação”.⁶ Determinadas circunstâncias levam as pessoas a tomarem decisões. Entretanto, nem sempre o ser humano se conscientiza do *status quo* que o levou a adotar determinada postura ou decisão, sejam elas relacionadas a ações ou omissões. Diferentemente dos animais irracionais, “ao invés de uma ação instintiva predeterminada, o ser humano tem de pensar sobre e ponderar mentalmente suas ações”.⁷ Para Fromm, o ser humano ao transcender a natureza, separa-se dela progressivamente. Modificando seu *status* face à natureza, ou seja, sendo distinto a ela, dominando-a e transcendendo em relação a ela, o ser humano passa de um comportamento puramente passivo para um ativo: ele produz.⁸ O autor compreende e resume o processo de autonomia do ser humano face à natureza da seguinte maneira:

Ele inventa ferramentas e, apesar de assim dominar a natureza, separa-se dessa progressivamente. Torna-se vagamente consciente de si mesmo [...]. Choca-lhe saber que é trágico seu destino: ser parte da natureza e, no entanto, transcendê-la. Dá-se conta da morte como sua sina final, embora procure contestá-la através de múltiplas fantasias.⁹

Mediante isso, o ponto central da referida obra de Erich Fromm é o que trata da “liberdade de” e da “liberdade para”. Para o autor, uma representação da relação entre a humanidade e a liberdade é oferecida pelo mito bíblico da expulsão ou queda do ser humano do paraíso, pois, para Fromm, o mito identifica a origem da história humana e sua relação com o ato de escolher, ressaltando que sob o ponto de vista da Igreja, que representava (e ainda representa) a autoridade divina, o ato de comer o fruto proibido, da árvore do conhecimento, fora uma ação essencialmente pecaminosa, entretanto, sob o ponto de vista do ser humano, esse ato fora o início da liberdade humana.¹⁰

O primeiro ato de liberdade resulta em sofrimento humano. Agir contra o comando e a autoridade divina marca o nascimento da liberdade, o primeiro ato humano, e conseqüentemente, o nascimento da razão. Esse ato marca a separação do ser humano e da natureza pelo fato do ser humano tornar-se indivíduo. Ao transcender a natureza a pessoa “está só e livre, porém impotente e temeroso”.¹¹ O ser humano está livre do “cativeiro” do paraíso, mas não “livre para governar-se, para realizar sua

⁶ FROMM, 1974, p. 36.

⁷ FROMM, 1974, p. 36.

⁸ FROMM, 1974, p. 36.

⁹ FROMM, 1974, p. 36.

¹⁰ FROMM, 1974, p. 37.

¹¹ FROMM, 1974, p. 37.

individualidade”.¹² Essa liberdade está sendo representada pelo autor como “liberdade de”, a liberdade negativa, e não “liberdade para”, a liberdade positiva.

Os vínculos primários da relação do homem se fazem presentes no processo de individuação, pois mesmo emergindo e transcendendo a natureza, o indivíduo ainda faz parte dela. Esses vínculos antepõem-se no desenvolvimento de sua razão; só lhe permitem reconhecer a si e aos outros “por meio de sua participação em um clã”.¹³ Essa identidade com a natureza, com um clã, com a religião, com as artes, dá segurança ao indivíduo. Ele pertence a algo. Fromm dispara que se pode sofrer fome e opressão, mas não a pior das dores, a solidão.¹⁴

Cada passo no processo de individuação gera uma nova insegurança e distancia o ser humano da liberdade positiva. Uma vez seccionados os vínculos primários (uma vez fora do paraíso, não se retorna a ele), este hiato torna a liberdade um fardo insuportável. Aí surge a tendência à submissão, para poder escapar deste tipo de liberdade, projeta-se, o ser humano, a um relacionamento com um mundo que prometa aliviar a incerteza, ainda que despoje o indivíduo de sua liberdade.¹⁵

Embora em muitos aspectos o indivíduo tenha crescido, cresce junto a falta de possibilidades para a realização positiva da liberdade – a “liberdade para”. Fromm acredita que há uma solução positiva para o ser humano poder ser livre – independente, mas ao mesmo tempo parte integral da humanidade. Segundo o autor, esta liberdade – positiva – o ser humano pode alcançar pela realização do seu ego. Fromm faz uma crítica aos filósofos idealistas, a exemplo de Immanuel Kant (1724-1804), por insistirem em dividir a personalidade humana, de modo que a natureza humana possa ser suprimida e protegida por sua razão. O resultado dessa divisão seria que, não apenas a vida emocional do ser humano, mas igualmente suas faculdades intelectuais foram mutiladas.¹⁶

Entrementes, Fromm crê que a realização do EU é alcançada não unicamente por um ato de pensamento, mas também pela realização da personalidade total do ser humano – pela expressão ativa de suas potencialidades emocionais e intelectuais. O autor pondera:

Estas potencialidades encontram-se em todos, porém só se tornam reais na medida em que são manifestadas. Dessa maneira, a liberdade positiva – a “liberdade para” – consiste na atividade espontânea da personalidade integrada em sua totalidade.¹⁷

¹² FROMM, 1974, p. 37.

¹³ FROMM, 1974, p. 38.

¹⁴ FROMM, 1974, p. 38.

¹⁵ FROMM, 1974, p. 39.

¹⁶ FROMM, 1974, p. 204-205.

¹⁷ FROMM, 1974, p. 205.

O autor ainda delinea que a atividade espontânea é atividade livre do EU e só é possível “se o ser humano não reprimir partes essenciais do seu EU, só se ele se tornar transparente para si mesmo e só se as diferentes esferas da vida lograrem uma integração fundamental”.¹⁸ Fromm elenca tipos de espontaneidade, tais como, a do artista, certos filósofos, cientistas e crianças. Porém, enfatiza que cada ser humano pode observar seus momentos de espontaneidade, tais como: a percepção de uma paisagem, a intuição de alguma verdade como resultado do raciocínio, o amor que brota por outra pessoa, podendo ter a visão do quão prazerosa e criativa seria a vida humana caso estas experiências não fossem ocorrências tão raras, tão pouco experimentadas e tão pouco cuidadas.¹⁹

... à culpa

Paul Ricoeur, no volume “*A simbólica do mal*”, segundo volume da obra “*Finitude e culpabilidade*”, publicada pela primeira vez em 1960, interpreta a *mancha*, o *pecado*, e a *culpabilidade* como símbolos originários do processo de mitificação do comportamento humano. O autor entende o mito da seguinte forma:

[...] não como falsa explicação expressada por meio de imagens e fábulas, mas sim como um relato tradicional referente a acontecimentos ocorridos na origem dos tempos, [...] que levaram o ser humano a compreender a si mesmo dentro de seu mundo.²⁰

Ricoeur compreende que nos tempos modernos “o mito não é mais que mito”²¹, porque não podem ser emendados os tempos legendários – dos quais se originavam os mitos – com os tempos históricos. Deste modo, na visão do autor, não se pode colocar os lugares do mito dentro das coordenadas do mundo geográfico atual. Conseqüentemente, ao ser desmitologizado pela ciência e ao perder suas pretensões estritamente explicativas é que o mito, “por mais paradoxo que possa parecer”, revela seu alcance e seu valor de exploração e de compreensão, convertendo-se em uma dimensão do pensamento moderno. Em consequência dessa causa, para Ricoeur, o mito passa a exercer uma função simbólica: “é dizer, o poder que tem [o mito] para descobrir e manifestar o laço que une o ser humano com o sagrado”.²²

Delimitando a bem sucedida tomada hermenêutica ricoeuriana – de interpretar e buscar compreender as condutas humanas por intermédio da análise filológica (da linguagem) e filosófica – observa-se que o mal, o qual o autor referia-se como mancha humana, representa o ponto crítico do laço entre o ser humano e o sagrado. O mal, por ser

¹⁸ FROMM, p. 205.

¹⁹ FROMM, p. 206.

²⁰ RICOEUR, Paul. *La finitude y culpabilidad*. Madrid: Taurus Ediciones, 1982. p. 169.

²¹ RICOEUR, 1982, p. 169.

²² RICOEUR, 1982, p. 169.

em excelência uma experiência crítica na relação entre o ser humano e seu sagrado – por ser uma ameaça que possa romper o laço que une o ser humano com seu sagrado, intensifica a dependência e sujeição da humanidade às forças do sagrado. Por essa razão, o mito que revela essa crise “se converte automaticamente em mito da totalidade: ao contar como começaram as coisas e como terminarão, o mito integra a experiência do ser humano em um todo, ao que o relato expressa orientação e sentido”²³. Por intermédio do mito da queda do ser humano, que se fixou na doutrina cristã como pecado original, pode-se compreender a realidade humana em sua totalidade, “mediante uma reminiscência e uma expectativa”²⁴, ou seja, do que foi para o que pode ser.

A compreensão de Ricoeur sobre a queda do ser humano perante Deus traz consigo a ideia de confissão. Para que a pessoa recupere as dimensões originais do mito/símbolo é absolutamente preciso que se reproduza, a qualquer modo, a experiência do relato. Tal reprodução se converte em uma nova linguagem: a confissão do pecado. A partir de Ricoeur, pode-se compreender que, em primeiro lugar, a confissão oferece saída e expressão à emoção, projetando para fora do ser humano emoções inerentes à consciência humana de culpabilidade. Em segundo lugar, o autor enfatiza:

A sensação de culpabilidade, em seu sentido preciso de sentir a indignidade do núcleo pessoal, não é mais que a ponta da lança de toda uma experiência radicalmente individualizada e interiorizada. Esse sentimento de culpabilidade nos reporta a uma experiência fundamental, a experiência do pecado, que engloba a todos os seres humanos e que marca a situação do ser humano ante Deus, o reconheça o ser humano ou não o reconheça [esse sentimento].²⁵

De Erich Fromm a Paul Ricoeur

Retomando Erich Fromm, o primeiro ato de liberdade resulta em sofrimento humano. Agir contra o comando e a autoridade divina marca o nascimento da liberdade, o primeiro ato humano, e conseqüentemente, o nascimento da razão. Esse ato marca a separação do ser humano e da natureza pelo fato do ser humano tornar-se indivíduo. Ao transcender a natureza a pessoa “está só e livre, porém impotente e temeroso”.²⁶ O ser humano está livre do “cativoiro” do paraíso, mas não “livre para governar-se, para realizar sua individualidade”.²⁷ Essa liberdade está sendo representada pelo autor como “liberdade de”, a liberdade negativa, e não “liberdade para”, a liberdade positiva.

Ricoeur enfatiza, cerca de vinte anos depois de Fromm, que o mito da queda conta precisamente como o pecado original – que se refere à desobediência humana à ordem

²³ RICOEUR, 1982, p. 169.

²⁴ RICOEUR, 1982, p. 170.

²⁵ RICOEUR, 1982, p. 171.

²⁶ FROMM, 1974, p. 37.

²⁷ FROMM, 1974, p. 37.

divina e caracteriza a mancha do mal na humanidade – entrou no mundo.²⁸ Segundo o teórico, para entender a questão da culpabilidade, implicada pela mancha do mal, é preciso que se compreenda seu *doble* movimento. Num primeiro momento, ser somente culpado “significa estar disposto a suportar o castigo e a constituir-se em sujeito de punição”.²⁹ O autor premedita que não “é preciso ser o autor do mal para sentir-se abrumado e castigado por seu peso e pela carga de suas consequências”.³⁰ Num segundo momento, a culpabilidade, que pode ser compreendida inerente ao EU, ao simples fato de *ser* ser humano, constitui-se em responsabilidade, “sempre que se entenda que a responsabilidade é a capacidade de responder às consequências de um ato”.³¹ Entrementes:

A consciência de culpabilidade constitui uma verdadeira revolução na experiência do mal: o que aparece em primeiro plano não é já a realidade da mancha [do mal], a violação objetiva de uma proibição, nem a vingança conseguinte a essa transgressão, mas sim o mau uso da liberdade, sentido no fundo da alma como uma diminuição íntima do valor do EU. Esta é uma revolução importante: [...] a culpabilidade, engendrada em um princípio pela consciência de um castigo, revoluciona logo esta mesma consciência de punição, invertendo totalmente seu sentido: assim a culpabilidade exige que o mesmo castigo se converta de expiação vindicativa em expiação educativa, ou, para dizê-lo em uma palavra, em emenda.³²

Evidencia-se, a partir do referido, que os pontos mais convergentes e interseccionados entre Erich Fromm e Paul Ricoeur referem-se à liberdade humana. Ambos enxergam o mito da queda como interstício da condição de liberdade pelo ser humano, porém, os autores assinalam cirurgicamente, por intermédio de análises psicológicas, filológicas e hermenêuticas, os efeitos colaterais do mau uso da liberdade pelo ser humano.

Para suprimir os efeitos colaterais apontados, tais como o sofrimento e a culpa, Fromm aponta para a atividade espontânea, que é a atividade livre do EU (liberdade positiva) e só é possível “se o ser humano não reprimir partes essenciais do seu EU, só se ele se tornar transparente para si mesmo e só se as diferentes esferas da vida lograrem uma integração fundamental”.³³ Na mesma direção Ricoeur aponta que a culpabilidade consciente pode ser revertida, constituindo-se em responsabilidade, “sempre que se entenda que a responsabilidade é a capacidade de responder às consequências de um

²⁸ RICOEUR, 1982, p. 171.

²⁹ RICOEUR, 1982, p. 260

³⁰ RICOEUR, 1982, p.260

³¹ RICOEUR, 1982, p. 261.

³² RICOEUR, 1982, p. 261.

³³ FROMM, 1974, p. 205.

ato”³⁴ e convertendo-se em expiação educativa, seja emenda do ser humano com o sagrado – leia-se – Deus e sua criação.

Considerações finais

A liberdade, a qual leva o ser humano a “algum lugar”, necessariamente provém da saída de “outro lugar”. Para que possamos “vir a ser” sujeitos livres, temos, necessariamente, de sair do lugar mais aconchegante do universo: o ventre materno. Entrementes, em níveis distintos, o ser humano carrega, necessariamente, a culpa antropológica de um dia, assediado pela liberdade, ter sido seduzido por ela, de maneira que, por aceitá-la, carrega sempre consigo a sensação de que algo poderia ter sido diferente e, outrossim, de que algo ficou para trás. Aliás, olhar para trás (para o sentimento de culpa) talvez não seja tão óbvio quanto olhar para frente...

O mito da queda de Adão e Eva, que representa a ascensão humana ante Deus, a transcendência face à natureza e à criação divina, revela não apenas um mau uso da liberdade, mas também, uma conseqüente culpa dessa escolha. Trata-se aqui, de uma culpa antropológica, que acompanha o ser humano desde os primórdios da humanidade. É bíblico, cultural e evidente a tendência de, muitas vezes, as mazelas humanas serem interpretadas, pelo ser humano, como castigo divino. Contudo, como bem pondera Ricoeur, ter ciência não apenas da culpa antropológica que se refere à mancha do mal, mas de determinadas ações provenientes pelo mau uso da liberdade, pode levar o ser humano a emendar sua relação com o sagrado e, dessa maneira, tal consciência de culpabilidade reverter-se em processo educativo de “liberdade para” ou positiva, como sugere Fromm.

É inerente ao ser humano o sentimento de culpa relacionado a determinadas escolhas provenientes de determinadas vontades. Tanto a liberdade quanto a culpabilidade estão relacionados à cisão entre o ser humano e a criação/natureza. O desligamento entre ser humano e criação, representada pelo mito da expulsão do paraíso, fora aditivado pela racionalização da vida e conseqüente esvaziamento desta. Por isso das guerras e da banalidade com a própria vida. O aprofundamento humano com a dimensão religiosa, a exemplo da confissão dos “pecados”, não deixa de ser uma reabilitação com a natureza, com o paraíso, com a criação e com o Reino de Deus, ademais, à luz de Ricoeur, uma emenda fortificante do laço que liga o ser humano à dimensão do sagrado.

Enquanto acadêmicos, devemos estar em constante busca reflexiva e prática para que possamos promover uma (re)ligação do ser humano com aquilo que, num ato de individuação, ele deixou para trás, e outrossim, para que se possa viver condizentemente à liberdade positiva, espontânea e criativa, de reciprocidade com toda a natureza – leia-se – com toda a criação (não esquecendo que o ser humano faz parte desta). Talvez assim,

³⁴ RICOEUR, 1982, p. 261.

possamos diminuir um pouco da culpa antropológica que cada vez mais, frente a recorrentes atrocidades, parece nos descreditar enquanto seres humanos. Que confessemos mais, mesmo que seja à nossa consciência, para que com isso possamos ter maior responsabilidade ante nossas vontades e ações, e em consequência disso, possamos cuidar e transformar para melhor a criação de Deus.

[Recebido em: agosto de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]